

A IMPORTÂNCIA DAS BATALHAS DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

2º Sgt Inf Cipriano Antônio Oliveira Lima

2º Sgt Inf Nelson Serrão Reis

2º Sgt Cav André Ricardo Junqueira de Sousa

2º Sgt Art Mário Justino Nascimento dos Santos

2º Sgt Eng Luciano de Souza Borges

2º Sgt Com Francisco das Chagas Alves dos Santos Oliveira

Projeto Interdisciplinar apresentado por
término de curso na Escola de Aperfeiçoamento
de Sargentos das Armas.

Orientador: 1º Ten Joffre Ferreira Abdalla

1. INTRODUÇÃO

A maioria dos brasileiros não costuma lembrar ou comemorar feitos memoráveis de seus antepassados que marcaram a história do mundo, assim, foi feito, por muito tempo, com a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial. Ainda hoje, depois de passados setenta anos do término desse grande confronto, as batalhas em que a Força Expedicionária Brasileira (FEB) esteve empregada são pouco divulgadas e exploradas, para isso buscar-se-á neste trabalho apresentar quais foram às batalhas que às tropas brasileiras tomaram parte, seus resultados e sua importância para o desfecho vitorioso das Forças Aliadas.

Para que seja possível abordar as batalhas enfrentadas pelos soldados brasi-

leiros, cabe ressaltar inicialmente como era a situação do Brasil e sua posição aos Aliados e forças do Eixo (Alemanha, Itália e mais tarde o Japão). O país vivia à época do Estado Novo (1937-1945) da Era Vargas, onde o governo mantinha uma política que pendulava entre os dois lados. Porém entre fevereiro de 1942 e outubro de 1943, trinta e um navios mercantes brasileiros foram torpedeados pelos submarinos do Eixo, exaltando, ainda mais, a opinião pública que já cobrava uma posição do governo em favor dos aliados.

Com o forte ataque dos submarinos aos navios, o governo não teve outra opção a não ser declarar-se em guerra contra as potências do Eixo em 22 de agosto de 1942. Inicialmente, o Brasil dispôs às forças americanas as bases aéreas no Nordeste. Estas facilitavam o abasteci-

mento de suas tropas que enfrentavam os alemães no norte da África. E por fim, em 1943, o governo decidiu por uma participação mais efetiva no teatro de operações, resolvendo enviar à Itália um corpo expedicionário constituído de três divisões, das quais apenas a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (DIE) foi mobilizada e enviada para o combate.

Em 2 de julho de 1944, o 1º escalão da FEB partiu do Rio de Janeiro – RJ atracando no porto de Nápoles, na Itália, em 16 de julho de 1944. No total, foram cinco escalões de embarque levando ao Teatro de Operações (TO) italiano 25.344 homens e mulheres. A DIE brasileira foi incorporada ao IV Corpo de Exército pertencente ao V Exército Americano.

Os soldados brasileiros participaram de sete batalhas. A 1ª DIE combateu em Camaiore, Monte Prano, Monte Castelo, Castelnuovo-Soprassasso, Montese, Zocca e Collecchio-Fornovo di Taro. Entre todas, quatro se destacam: Monte Castelo, pelo valor moral; Castelnuovo-Soprassasso, devido ao valor estratégico; Montese, a mais sangrenta por causa do número elevado de baixas e Collecchio-Fornovo como a mais brilhante, em virtude da captura de uma divisão alemã. Após esses acontecimentos, os Aliados consolidaram sua vitória, assinando em 8 de maio de 1945, o tratado final da guerra.

2. INÍCIO DA GUERRA NA EUROPA

Após o término da Primeira Guerra Mundial, a assinatura do Tratado de Versalhes impôs aos derrotados várias sanções, com destaque à devolução de territórios, pagamento de indenização aos vencedores e diminuição do poderio bélico. Os alemães com essas imposições amargaram uma forte crise econômica, caracterizada pela alta inflação, desvalorização da moeda e aumento do desemprego. Na Itália, que estava entre os vencedores do primeiro grande conflito, também havia descontentamento por não ter recebido os territórios que desejava.

Nesse cenário surgiu um sentimento de revanchismo e revolta da população, fazendo com que na Alemanha, Adolf Hitler com sua ideologia nazista encontrasse espaço para ascensão ao poder. Ao mesmo tempo, na Itália, Benito Mussolini com suas ideias fascistas incentivava os trabalhadores a unir-se aos capitalistas a favor da nação.

A Segunda Grande Guerra teve seu marco inicial com a invasão da Polônia por parte dos alemães no ano de 1939. Fröhlich (2011, p. 7), acrescenta: “a semente da II Guerra foi plantada no Tratado de Versalhes, em 1919, e irrigada por tratados posteriores, ao final da I Guerra”.

No dia seguinte, 1º de setembro, uma sexta-feira, a Alemanha invadiria a Polônia, praticamente sem encontrar resistência. Quatro divisões alemãs atacariam o país pelo norte, centro e sul da fronteira. Em 3 de setembro, Inglaterra e França declaram guerra à Alemanha marcando o começo da II Guerra Mundial. Dez meses antes, a Alemanha já havia invadido os sudetos da Tchecoslováquia, uma região do país, na Boêmia, habitada por alemães. Em março, toda a Tchecoslováquia e a Áustria estavam anexadas à Alemanha. Os Aliados, seus futuros inimigos, não se manifestaram diante de tais desafios à soberania dessas nações. (ARANHA, 2015)

Alemanha e Itália firmaram um tratado chamado de Pacto de Aço (também conhecido como Eixo Berlim-Roma), o qual foi estendido ao Japão e deu origem ao termo Forças do Eixo. Para contrapô-las, a Inglaterra, a França, a União Soviética e Estados Unidos uniram-se formando as Forças Aliadas. O ataque japonês a Pearl Harbor foi o marco da entrada americana na guerra.

3. O BRASIL PRÉ-GUERRA

O Brasil desde 1930 estava sob o comando de Getúlio Vargas, que em 1937 sob a ameaça de um golpe comunista, promulgou uma nova Constituição, dando iní-

cio ao Estado Novo (1937-1945). Quando a guerra começou na Europa, o governo declarou neutralidade ao que acontecia no outro lado do Atlântico.

Barone (2013, p. 61), trata a política brasileira como “um pêndulo que procurava tirar proveito das relações comerciais com os Estados Unidos e com a Alemanha ao mesmo tempo, deixando de lado qualquer favoritismo político e contornando os perigos da dependência de apenas um parceiro comercial”.

Enquanto na Europa a guerra se desenvolvia, na América, os Estados Unidos articulavam os países para uma proteção do continente, que foi decidida em uma reunião em Havana, Cuba, da qual participaram vários chefes de Estado.

A situação político-militar da Europa e as ameaças existentes impuseram em julho de 1940, uma nova Reunião de Consulta dos Chanceleres, desta vez em Havana. Decorreu desse conclave a deliberação “de que todo atentado de Estado não-americano contra a integridade ou a inviolabilidade do território, contra a soberania ou independência política de um Estado americano será considerado como ato de agressão contra os estados que firmam esta declaração”. (MORAES, 2005, p. 23)

4. A ENTRADA DO BRASIL NA GUERRA

Após firmar o acordo de proteção aos países americanos, o Brasil mantinha-se na sua política de neutralidade, até que em 7 de dezembro de 1941, a base americana de Pearl Harbor sofre um ataque por parte do Japão. Para honrar os compromissos firmados em Havana, o governo brasileiro rompeu suas relações com os países do eixo.

Ao tomar essa medida, foi necessário reforçar a proteção do litoral; a Marinha e a Força Aérea começaram a realizar patrulhas costeiras e a escoltar comboios. Porém, em agosto de 1942, quase uma dezena de navios mercantes brasileiros já havia sido torpedeada por submarinos na-

zifascistas. De 15 a 17 de agosto de 1942, cinco embarcações foram torpedeadas na costa brasileira pelo submarino alemão U – 507 que levou a óbito, num período de 72 horas, mais brasileiros do que a Campanha da Força Expedicionária Brasileira (FEB), assim afirma Santos Junior (2012, p. 9):

Foram 670 mortos em 72 horas, e durante a campanha italiana perdemos 451 militares, incluindo oito oficiais da FAB (Força Aérea Brasileira). A população já manifestara a sua fúria contra os torpedeamentos de navios brasileiros em águas estrangeiras, mas desta vez os navios eram de navegação costeira, levavam civis e militares.

Com esses ataques, o clamor da população para que o Brasil apoiasse os Aliados aumentava, assim como afirma Moraes (2005, p. 25): “Tais atentados à nossa soberania avolumaram a onda de indignação popular e conduziram o nosso Governo a declarar guerra à Alemanha e à Itália, em 22 de agosto de 1942”.

5. PREPARATIVOS DE GUERRA

Ao declarar guerra ao inimigo nazifascista e aliando-se aos Estados Unidos da América, o Brasil procurava uma maneira de melhorar seu poderio bélico. Aproveitando a visita do presidente americano Franklin Delano Roosevelt à base de Natal - RN, em fevereiro de 1943, Getúlio sugeriu a ideia de o Brasil participar efetivamente da frente de batalha.

Através da Portaria Ministerial nº 4744, de nove de agosto de 1943, o governo oficializou a criação da Força Expedicionária Brasileira, e a partir desse momento começaram os esforços para a mobilização e preparo da tropa. O contingente brasileiro, inicialmente, seria composto por três Divisões de Infantaria, deste modo, o alistamento e a seleção de pessoal deveriam entregar 75 mil homens aptos para seguir ao Teatro de Operações (TO).

As precárias condições de saúde, e o

baixo nível de instrução da população brasileira em geral, dificultaram sobre maneira o recrutamento dos soldados capacitados, principalmente no que diz respeito às funções mais técnicas como operadores de rádio, mecânicos, médicos, entre outros. (SANTOS, 2015)

Enquanto a seleção acontecia, os EUA não entregavam todo o material necessário ao preparo da tropa, o que dificultava o adestramento, pois a doutrina francesa, até então utilizada, estava em transição para a doutrina americana. Enfrentando essas dificuldades a FEB ia tomando forma e a 1ª Divisão que partiria para o confronto treinava como podia. Ao final de 1943, uma comissão brasileira viajou ao TO para ambientar-se com o combate; nela estava o General Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB.

Mesmo com a deficiência de pessoal e com um treinamento longe do ideal para entrar em combate, a 2 de julho de 1944, embarcou rumo à Itália o primeiro escalão de FEB.

6. O BRASIL NA GUERRA

Após a chegada em solo italiano, o contingente brasileiro foi alçado ao comando do V Exército Americano, englobado pelo IV Corpo de Exército. O material necessário para a guerra foi liberado e distribuído após um esforço do comandante da FEB e dos meios políticos envolvidos, o que propiciou o contato e o treinamento com o material americano.

A missão da tropa brasileira se desenrolou no norte da Itália, com a missão inicial de ultrapassar a famosa Linha Gótica, importante linha defensiva alemã no solo italiano que desembocava na cidade de Bologna, importante nó rodoviário da época.

A missão brasileira era auxiliar o 5º Exército Americano, do general Clark, e o 8º Exército Britânico, do general Richard McCreery, a ultrapassar a quase intransponível Linha Gótica. Tratava-se da última grande linha de defesa nazista na Europa, situada ao Norte da Itália, nos Montes Apeninos. (HERMANN, 2015)

O norte italiano é uma região compos-

ta por montes com elevadas altitudes, que durante o inverno ficam cobertos de neve, a qual foi apresentada aos brasileiros durante a batalha de Monte Castelo, onde após quatro revezes e uma permanência durante o rigoroso inverno, foi vencida pelo Brasil em 21 de fevereiro de 1945.

Figura 1 – Roteiro da FEB na Itália



Fonte: MORAES, 2005, p. 43

6.1. CAPTURA DE CAMAIORE

Camaiore localiza-se na linha geral Camaiore - Monte Prano - M. Valimono - M. Acuto - M. Prano e despertava atenção por constituir uma base para ações futuras. Na região permaneciam apenas elementos de vigilância alemães que se retiraram quando perceberam a aproximação da tropa brasileira.

Para essa ocupação, estavam juntos à FEB alguns carros de combate americanos, que ficaram detidos em uma ponte destruída. O chefe do Destacamento FEB (1º escalão de embarque), General Zenóbio da Costa, decidiu então pela ocupação de Camaiore, efetivada em 18 de setembro de 1944.

Ele visou, com a ocupação, deslocar seu destacamento para o norte e articu-

lá-lo em frente às elevações que poderiam conter defesa inimiga. No dia seguinte a captura, ações foram realizadas na região, propiciando ao destacamento cerrar sobre os postos avançados da Linha Gótica.

6.2. CAPTURA DE MONTE PRANO

Após a conquista de Camaioire, o General Zenóbio resolveu que deveria atacar Monte Prano, pois este constituía um excelente observatório sobre as posições da tropa brasileira e a planície litorânea. Esse combate foi antecedido por seis jornadas, onde os canhões brasileiros e carros de combate americanos debruçaram sobre Monte Prano seus fogos, desestruturando a defensiva dos contrários, que sinalizava uma fração alemã, a 42ª Divisão de Infantaria (DI).

Durante esse apoio de fogo, foi lançada para a conquista do monte uma patrulha, constituída por um pelotão da 2ª Companhia do 6º Regimento de Infantaria. Esse grupamento, após dois dias, conseguiu atingir o terço superior de Monte Prano e com isso na jornada do dia 26 de setembro de 1944, o restante do destacamento vasculhou a elevação e certificou-se que o inimigo tinha se retirado.

Camaioire pode ser considerada a estreia da tropa brasileira em combate e Monte Prano, o fechamento dessa primeira manobra em solo italiano. Naqueles combates, apesar de ser uma tropa em formação e com um treinamento recente, os pracinhas brasileiros mostraram serem audazes e combativos frente a um adversário, por vezes, já experimentado em combate.

6.3. MONTE CASTELO

Após conquistar Camaioire e Monte Prano, a 1ª DIE, agora sob o comando operacional do General Mascarenhas de Moraes, foi roçada do Vale do Serchio para o Vale do Reno, onde junto a Task Force 45 (tropa americana), realizou os dois primeiros ataques a Monte Castelo, datados de 24 e 25 de novembro de 1944. Castelo constituía

uma linha composta por alturas do Monte Belvedere – Monte Castelo – Monte Della Torracia onde somente o ataque frontal às posições alemãs era certeza de insucesso. Cabe ressaltar que nas duas primeiras derrotas sofridas, a tropa brasileira estava à disposição da Task Force 45, comandada pelo General Paul Rutledge.

Após os insucessos de 24 e 25, o comando da operação passou para as mãos do General Mascarenhas de Moraes (1984, p. 227), o qual destaca: “Segundo minha convicção os meios empregados não eram proporcionais às missões recebidas, e para o cumprimento das quais, devido ao mau tempo, não dispunha eu de suficiente apoio de artilharia e aviação”. Dito isto, pode-se notar que o comando brasileiro sabia que era necessário o apoio para a conquista de Monte Castelo, pois ali havia a 232ª DI alemã, desdobrada por todo o monte e com posições de comando sobre as tropas brasileiras.

Mesmo assim, os combatentes brasileiros foram empregados novamente em ataques sem sucesso contra o famigerado monte. No dia 29 de novembro de 1944, o 1º Batalhão do 1º Regimento de Infantaria (1º/1º RI) e o 3º Batalhão do 11º Regimento de Infantaria (3º/11º RI), começaram o terceiro assalto às alturas de Castelo às sete da manhã, debaixo de chuva e céu encoberto, progrediram e conseguiram algum avanço, sendo então contra-atacados e retornando às bases iniciais no meio da tarde.

Com as primeiras derrotas sofridas, aproximava-se também o frio rigoroso do inverno italiano, cenário diferente para os soldados brasileiros, que além do inimigo agora também combatiam a neve e os termômetros abaixo de zero. Antes que o frio acentua-se de vez, fora realizado o ataque de 12 de dezembro de 1944, onde, foram empregados o 2º e o 3º Batalhão do 1º Regimento de Infantaria, respectivamente 2º/1º RI e 3º/1º RI, que também amargaram a derrota. Nesse ataque alguns mortos brasileiros permaneceram sobre a neve sendo recolhidos somente em 22

de fevereiro de 1945, após a conquista de Monte Castelo em 21 de fevereiro de 1945.

Esse período pós-revezes, compreendido entre 13 de dezembro de 1944 a 18 de fevereiro de 1945, foi de rigoroso frio onde a chuva e baixa temperatura calejaram os pracinhas, que logo se adaptaram e resistiram ao rigoroso inverno nos apeninos italianos. Nesta fase não foi realizada nenhuma operação de ataque de grande vulto, as tropas aliadas e os opositores realizavam intensas patrulhas entre as bases aliadas e a posição defensiva alemã, combinado aos fogos da artilharia e morteiro que inquietavam as tropas.

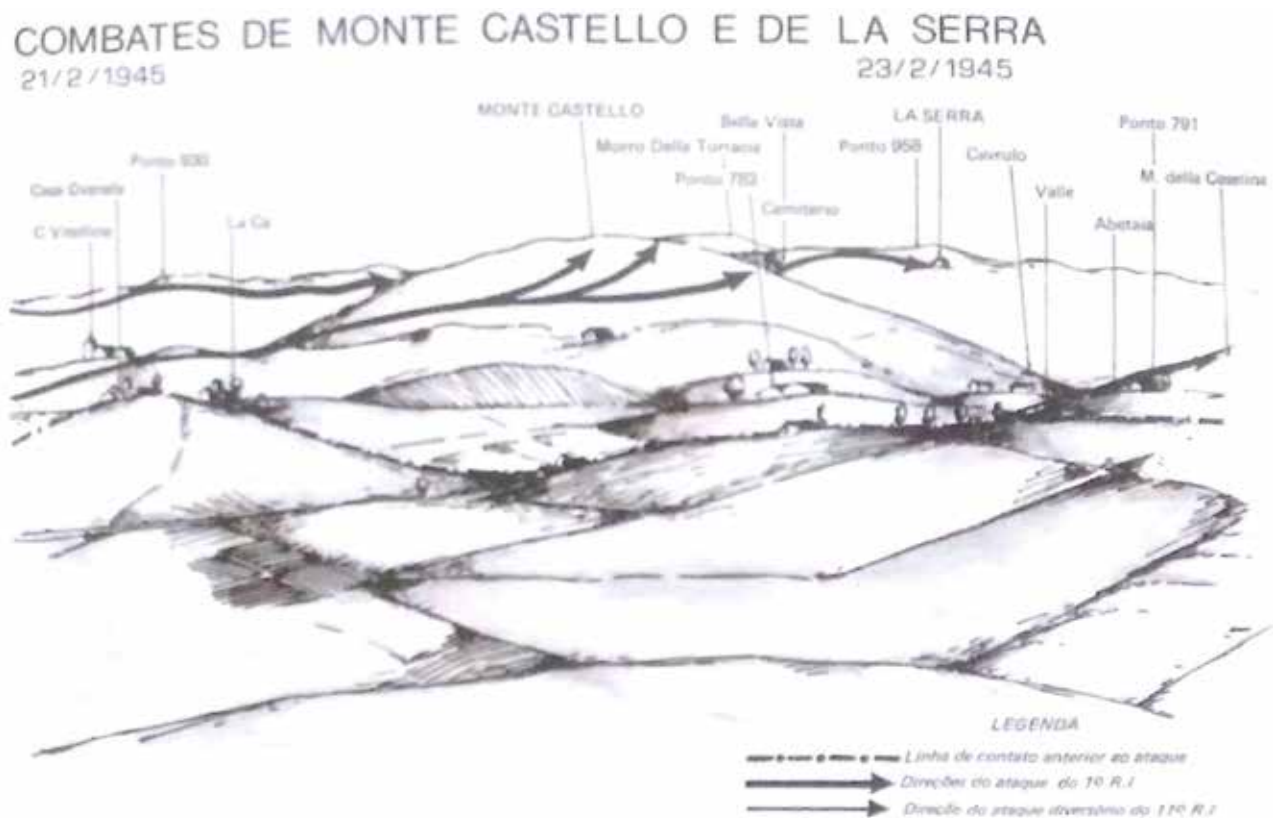
Após os rigores do inverno, e com certo descanso, visto que nos primeiros ataques alguns dos brasileiros já combatiam por aproximadamente 45 dias, o comando aliado resolve atacar novamente Monte Castelo. O comando brasileiro recebe o apoio da 10ª Divisão de Montanha e empregaria toda sua Divisão, como deseja-

va seu comandante. O planejamento era que a divisão americana tomasse Monte Della Torracia e que Monte Castelo fosse ocupado pelos brasileiros. Tal planejamento foi iniciado na noite de 19 de fevereiro de 1945, quando os montanheses americanos partiram sobre Monte Belvedere e Monte Gorgolesco e às 17 horas do dia 20 atingiram Mazzancana.

Na manhã de 21 de fevereiro de 1945, mais precisamente às cinco e meia, as tropas partiram para a conquista do baluarte que estava em poder dos alemães. A artilharia da FEB, reforçada com 18 obuses do IV Corpo, realizou intensa preparação de fogos que causou reações na defensiva alemã. Os batalhões protegidos por esse apoio de fogo progrediram durante todo o dia, causando baixas e fazendo com que os opositores retraíssem. No final da tarde foi silenciada a defesa inimiga e às 17h30min Monte Castelo foi tomado.

Para evitar os malfadados revezes do

Figura 2 – Combate de Monte Castelo e de La Serra



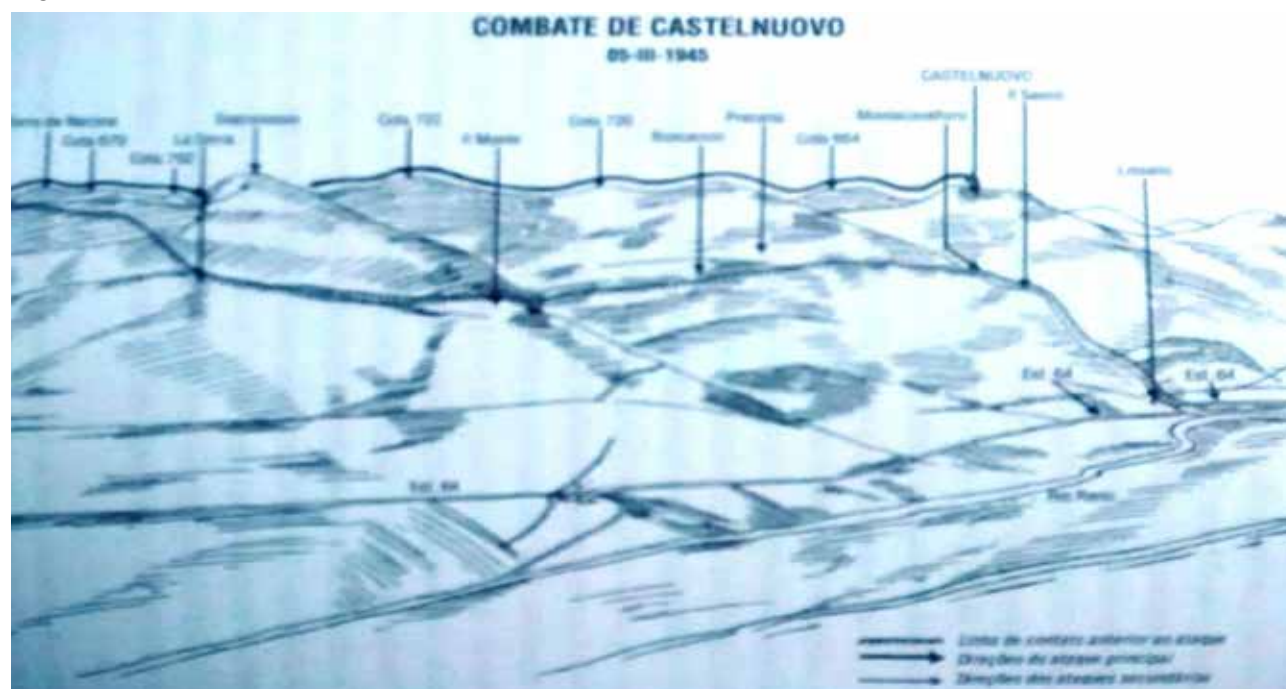
Fonte: SILVEIRA, 2001, p. 334

passado, os brasileiros do monte mobiliaram posições para fazer frente a um possível contra-ataque alemão, que não existiu. Conquistado Monte Castelo, as tropas brasileiras partiram em ajuda aos montanheses que ainda não tinham conquistado Monte Della Torracia.

Como já mencionado no texto introdutório, Monte Castelo é considerado pelo comando brasileiro da época e pelos que lá lutaram como sendo a batalha de maior valor moral, visto que antes da vitória consolidada, a tropa atacante sofreu revezes consideráveis, tendo o combate iniciado a 24 de novembro de 1944 e só sendo finalizado em 21 de fevereiro de 1945. Daí sua importância para o prosseguimento das ações brasileiras e aliadas na região.

Por isso, a vitória de Monte Castelo representou uma reviravolta das tropas brasileiras, que avançaram e imbuíram-se de otimismo partindo em conquista de outras mais cidades, além de mostrar aos norte-americanos que os brasileiros sabiam guerrear – um aprendizado também passado pelos brasileiros nos intervalos das lutas de conquista a Monte Castelo, quando eram submetidos às patrulhas de agressão. Foi preciso de muito esforço e muitas perdas militares, mas a superação do soldado da FEB na Itália é a principal marca da vitória de Monte Castelo, em que o pracinha deixou de ser apenas um mero jovem voluntário da FEB para tornar-se um importante soldado experiente e disposto a vingar todos os seus companheiros mortos em combate. (CARVALHO, 2015)

Figura 3 – Combate de Castelnuovo



Fonte: MORAES, 2005, p. 144

6.3.1. CONQUISTA DE LA SERRA

Era parte do planejamento que os americanos e brasileiros ocupassem Monte Castelo e Monte Della Torracia ao mesmo tempo. Tal fato não foi possível, pois, na tarde de 21 de fevereiro de 1945, os brasileiros conquistaram Castelo e os alemães ainda resistiam em Della Torracia. Devido a isso, os pracinhas partem em auxílio da

divisão americana, desbordando o monte e conquistando La Serra na madrugada de 23 para 24 de fevereiro de 1945, o que propiciou à 10ª Divisão de Montanha ocupar Monte Della Torracia na tarde de 24.

6.4. CASTELNUOVO-SOPRASSASSO

Acabados os combates de Monte Castelo, a tropa brasileira mudou de setor,

deixando de combater no Vale do Reno e sendo agora empregada no Vale do Rio Marano. No período de 25 de fevereiro a 4 de março de 1945, a FEB reorganizou seu dispositivo ao longo da rota 64 e planejou a execução do ataque. Novamente, os febianos estavam na companhia da 10ª Divisão de Montanha americana, com a qual, num planejamento minucioso atacariam a linha de montes que ligava Torre de Nerone – Castelnuovo.

A 10ª de Montanha americana tinha a missão de abrir um corredor entre Della Torraccia e Seneveglio e para isso contou com a DIE brasileira desdobrada em dois setores: o Grupamento Oeste, composto pela tropa do 1º RI e o Grupamento Leste, composto de elementos do 6º RI e 11º RI, estes com a missão de atingir Castelnuovo.

Às 12:30h do dia 5 de março de 1945 foi emanada a ordem de ataque e o 1º Batalhão do 6º RI (1º/6º RI) rompeu a linha de partida sofrendo impiedosos ataques das posições alemãs em Soprassasso, monte escarpado que penetrava as linhas brasileiras como uma cunha. Apesar dos ataques, o 1º/6º RI prosseguiu em direção a Castelnuovo, ficando o 2º/6º RI com a missão de desarticular e eliminar os alemães de Soprassasso. No outro flanco do ataque, os 1º e 2º Batalhões do 11º RI, com o apoio da artilharia e dos morteiros progrediram em direção a Castelnuovo.

Após desbordar Soprassaso e atacar o monte pela retaguarda, ao anoitecer, as forças brasileiras o conquistavam. Na outra direção do ataque, às 19:00 h, a 3ª Companhia do 1º/6º RI entra em Castelnuovo conquistando a localidade. Fruto de contra-ataques sofridos em Monte Castelo, a tropa preparou-se e consolidou a conquista. No dia 6 de março de 1945, patrulhas brasileiras realizam o aproveitamento do êxito e seguem buscando o contato com o inimigo.

Castelnuovo-Soprassasso representou a batalha de maior valor estratégico, dada à precisão do planejamento e a fidelidade de sua execução. O General Mascarenhas

de Moraes (1984, p. 260) resume assim a manobra da infantaria brasileira:

De um modo geral, a manobra consistiu no seguinte: o 6º Regimento, sob o comando do Coronel Néelson de Melo, atacaria o flanco direito inimigo, progredindo em seguida na direção oeste-leste, ao longo da crista das alturas que conduzem ao povoado de Castelnuovo; e o 11º Regimento de Infantaria, sob o comando do Coronel Delmiro de Andrade, atacaria o flanco esquerdo alemão, procurando contornar Castelnuovo e cortar a retirada dos contrários pela estrada que une essa localidade a Vergato.

Tal manobra realizada em Castelnuovo foi importante, pois impôs ao inimigo a desarticulação de sua linha defensiva, propiciando que as tropas do V Exército ficassem mais próximas de Bolonha.

6.5. MONTESE

A batalha de Montese demonstrou ser a mais sangrenta dentre as quais a FEB participou, pois o número de baixas foi alto e, além disso, ela mostrou uma nova modalidade de combate, chamada de combate urbano. No Total, foram 426 baixas, sendo 34 mortos, 382 feridos e 10 extraviados.

Montese estava situada no maciço de mesmo nome, junto à Cota 927 e Montelo, sua posição desenhava que o combate deveria atingir alturas mais baixas até que se chegasse à vila de Montese.

Nesse combate, os brasileiros tinham o apoio, além dos montanhesees americanos, do 371º Regimento de Infantaria da 92ª DI norte-americana. Essas duas forças não atacaram Montese, mas realizavam manobras de flanco em conjunto com o ataque brasileiro. O ataque começou em 14 de abril de 1945 e terminou em 17 de abril de 1945.

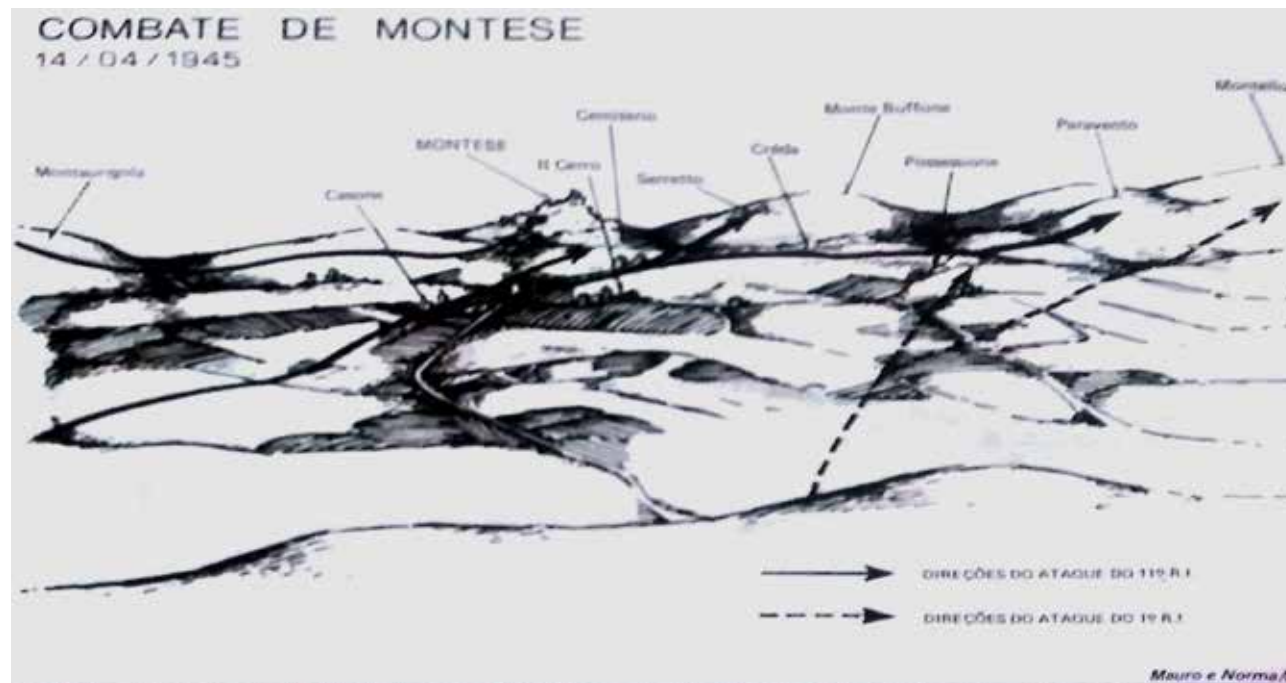
O ataque principal a Montese teve início às 13h30min do dia 14 de abril de 1945, com uma preparação intensa de fogos da artilharia febianas, após isso, desencadeou-se o ataque da infantaria com o 3º/11º RI pela frente, desbordando ao sul o 1º/11º RI

e ao norte pelo 2º/1º RI e por volta de 15 horas, o 1º/11º RI conquista Montese. Assim, essa jornada dos pracinhas tornou-se alvo de honrosas palavras do General Crittenberger, na manhã de 15 de abril: “Na jornada de ontem, só os brasileiros merecem

minhas irrestritas congratulações; com o brilho de seu feito e seu espírito ofensivo, a Divisão brasileira está em condições de ensinar às outras como se conquista uma cidade.” (CARVALHO, 1998, p. 159).

Nos dias que se seguiram, 15 e 16 de

Figura 4 – Combate de Montese



Fonte: SILVEIRA, 2001, p. 335

abril de 1945, a FEB já ocupava a Vila de Montese, e esse maciço foi intermitentemente batido por fogos da artilharia e morteiros alemães, o que não propiciava a articulação das forças para o prosseguimento do combate. Já a 10ª Divisão de Montanha, no dia 16 de abril de 1945, conseguiu capturar a pequena localidade de Tole, por onde, na sequência do combate, os Aliados se infiltrariam no dispositivo de defesa alemão.

Fruto dessa conquista americana, o ataque previsto para a manhã de 17 de abril de 1945 foi suspenso pelo Alto Comando Aliado, a fim de que se aproveitasse o êxito da ruptura da defesa alemã. O General Crittenberger, no início da batalha de Montese, escreveu o que se desencadearia: “Com o vale do Panaro em nosso poder, a continuada resistência contrária não poderia impedir nosso desembocar no vale do Pó” (MORAES, 1984, p. 279). E assim o foi, a importante conquista de Montese

abriu caminho para que a Ofensiva da Primavera (como foi denominada a operação que se desdobrou de nove de abril a dois de maio de 1945) desembocasse no vale do Rio Pó.

6.6. CAPTURA DE ZOCCA

Após a conquista de Montese, foi iniciada outra fase: a Ofensiva da Primavera, que era o aproveitamento do êxito, onde as tropas aliadas infiltraram-se na retaguarda nazista, e assim, não tendo outro recurso, os alemães retraíram.

Durante o dia 18 e 19 de abril, foi lançado, em busca ao inimigo, o Esquadrão de Reconhecimento, sob o comando do Capitão Plínio Pitaluga, que ao progredir encontrou inúmeros campos minados e armadilhas, o que exigiu muito trabalho dos engenheiros na abertura da brecha para o ataque. Cabe aqui ressaltar, que os engenheiros do 9º Batalhão de Engenharia (9º

BE) desempenharam papel importantíssimo durante toda campanha, desobstruindo e reparando estradas.

No dia 20 de abril, continuou a busca pelo inimigo, os três regimentos estavam empregados na perseguição aos alemães e no final da jornada o 11º RI recebeu obstinada reação alemã em Zocca, que era um entroncamento rodoviário que centralizava as estradas regionais, e, devido à ocupação alemã, barrava o progresso do 1º e do 6º RI na direção norte.

Organizados, os dois regimentos, em ação conjunta, se preparavam para atacar Zocca, porém na manhã de 21 de abril de 1945, foi constatado que o inimigo acudado havia retraído. Restaram em Zocca apenas alguns defensores com a finalidade de retardar o avanço. Assim, o 6º RI, mesmo sofrendo alguns ataques, avançou e ocupou a localidade, proporcionando a continuidade da ofensiva em busca do inimigo.

6.7. COLLECHIO-FORNOVO

Após o combate em Zocca, os alemães retiravam-se rapidamente em busca do Vale do Rio Pó, com isso, a FEB iniciou a perseguição em 23 de abril de 1945 e percorreu 75 Km passando por cidades como Parma, Fidenza e Piacenza até chegar a Collecchio. As informações sobre o valor e localização do inimigo em retirada eram inseguras, porém, eram quase que certas as dificuldades que estes enfrentavam para se reorganizar.

Com isso, a rapidez era fator preponderante para que se conseguisse cercar os fugitivos, todavia, os pracinhas já estavam sentindo o cansaço do combate, e marchar a pé para cercar o inimigo lhes trazia mais desgaste, então foi tomada a decisão pelo comando de estacionar alguns obuses da artilharia e usar suas viaturas para o transporte dos infantés.

Após esse apoio entre as armas, os batalhões chegaram às posições do Vale do Rio Pó onde havia o contato com o retirante alemão. Informes mostravam que estes se dirigiam ao norte em busca da cidade

de Parma na Itália, então, no dia 26 de abril de 1945, a FEB retomou a busca pelo contato. Nesse mesmo dia, o Esquadrão de Reconhecimento trava contato com a tropa inimiga, em Collecchio, recebendo o apoio do 2º/11º RI por volta das 18 horas.

Organizados os meios, começa o ataque que entra noite adentro em Collecchio, foram três horas de combates incisivos, para a destruição da vanguarda da 148ª Divisão alemã. Após a conquista, foi realizada a varredura do local, e na manhã seguinte, esta já estava sob o poder da tropa atacante. Essa conquista impossibilitou a retirada dos germânicos para Parma e proporcionou a concentração de esforços sobre Fornovo, onde estava o grosso da tropa retirante.

Com a vitória em Collecchio, foram aprisionados elementos da vanguarda da 148ª Divisão, estes passaram informações sobre os efetivos e a direção em que seguia o resto da Divisão. De posse desses dados foi planejado e organizado o ataque sobre Fornovo di Taro, uma manobra de cerco, onde seria empregado apenas o 6º RI completo, com o apoio da artilharia, engenharia, o Esquadrão de Reconhecimento e carros de combate americanos.

Montado o cerco e esperando pela manobra de 28 de abril de 1945, o 2º/6º RI surpreende os contrários em retirada para o norte pela estrada nº 62. Diante disso, o Comandante do Batalhão confia ao vigário de Neviano di Rossi, Dom Alessandro Cavalli, a missão de intimar à voz os alemães para que se rendessem. Tal rendição não se dá, porém, o vigário traz consigo a mensagem do lado intimado para que as condições sejam postas no papel. Com isso, foi assim redigido o ultimato, que segue:

Ao comando da tropa sitiada na região de Fornovo-Respicio.

Para poupar sacrifícios inúteis de vida, intimo-vos a render-vos incondicionalmente ao comando das tropas regulares do Exército Brasileiro, que estão prontas para atacar. Estais completamente cercados e impossibilitados de qualquer retirada quem vos intima é o comando da vanguarda brasileira, que vos cerca

aguardo, aguardo dentro do prazo de duas horas a resposta do presente ultimato.

(A) Coronel, Néelson de Melo (MORAES, 1984, p. 312)

Em resposta, os alemães enviaram ao comando brasileiro, mensagem onde diziam esperar instruções superiores para então responder ao ultimato. Sem resposta positiva, o comandante do 6º RI desencadeia o ataque convergente sobre Fornovo. Durante o ataque, as tropas sitiadas buscam o comando brasileiro para acertar os detalhes da rendição.

Assim, após as tratativas entre os enviados alemães e o comando brasileiro, deu-se início a épica rendição da 148ª Divisão de Infantaria Panzer alemã e remanescentes da Divisão Bersaglieri italiana. Tal feito reveste de glória a atuação brasileira na Itália, visto os números deste: 14.779 prisioneiros, 4.000 cavalos, 80 canhões de diferentes calibres, mais de 1.500 viaturas de todos os tipos, abundante quantidade de munições e centenas de veículos de tração animal. Após essa vitória, as tropas brasileiras não entraram mais em combate até que a guerra acabasse no Dia da Vitória, 8 de maio de 1945.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos fatos narrados sobre as batalhas da FEB em terras italianas, concluiu-se que mais uma vez o Exército de Caxias conquistou as glórias que lhe couberam. Alguns desavisados ou que não estudaram a fundo os textos disponíveis sobre tal assunto podem querer denegrir a imagem dessa participação na Segunda Guerra Mundial, contudo, novamente, superando a falta de treinamento adequado, o material desconhecido pelo soldado e as intempéries do clima, os pracinhas brasileiros foram dignos de todas as honras do combate.

Observa-se em todas as participações durante a campanha que a bravura, o comprometimento, a coragem, a iniciativa, a criatividade, entre outras características evidentes do nosso soldado foram sobre-

maneira necessárias para o sucesso das missões atribuídas a essa tropa.

Ao estudar a conquista da FEB, nota-se que esta combateu em um terreno desvantajoso que prejudicava o auxílio dos carros de combate, onde as estradas eram constantemente batidas pelos fogos inimigos, o frio castigava, e nem por isso, essa força deixou de contribuir para o êxito das forças Aliadas. Em Monte Castelo, sua maior conquista moral, o contingente brasileiro permaneceu tenaz aos três meses do frígido inverno, mesmo após quatro assaltos mal sucedidos, e a 21 de fevereiro de 1945, conquistou o baluarte alemão que abriu caminho para o avanço das tropas.

Neste mesmo ímpeto seguiu lutando em busca dos ideais de liberdade e democracia, esta última, antagônica a situação política vivida no Brasil, assim, passou por Castelnuovo-Soprassasso executando com perfeição a estratégia; em Montese ensinou como se combatia dentro do ambiente urbano, para então, em Collecchio-Fornovo, coroar sua participação com a rendição de uma Divisão alemã e os remanescentes de uma Divisão italiana.

Não há como, após setenta anos, buscar desmerecer aqueles que partiram da pátria para o outro lado do mundo com a finalidade de combater um opositor já testado em combate. A única ressalva que pode ser feita a essa participação, foi a não utilização correta das lições apreendidas em combate, já que na própria Itália, o contingente foi desmobilizado. Nas páginas desses combates também foi importantíssimo o apoio entre as armas, quadros e serviços que lá estiveram destacando-se: o irrestrito apoio de fogo prestado pela artilharia aos infantaria e a rápida reconstrução de estradas e eliminação de campos de minas pela engenharia.

Ao encerrar tão ilustre passagem somente resta agradecer àqueles que se afastaram de suas famílias e trilharam no solo italiano a liberdade e a democracia de hoje, sendo exemplos perenes a todos os brasileiros.

8. REFERÊNCIAS

ARANHA, Carla. 31 ago. 1939 – **A Europa antes da guerra**. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/31-ago-1939-europa-antes-guerra-452464.shtml>>. Acesso em: 24 maio 15.

BARONE, João. 1942: **O Brasil e sua guerra quase desconhecida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

CARVALHO, Olavo de (Org). **O Exército na História do Brasil**: República. Rio de Janeiro/Salvador: Biblioteca do Exército/Odebrecht, 1998.

CARVALHO, Waneska Lucena Nóbrega de. **A Batalha de Monte Castelo e a Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial**. Disponível em: <http://www.essex.ensino.eb.br/doc/PDF/PCC_2008_CFO_PDF/CD103%201%BA%20Ten%20AI%20WANESKA%20LUCENA%20N%D3BREGA%20DE%20CARVALHO.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2015.

FRÖHLICH, Sírio Sebastião. **Longa Jornada** – Com a FEB na Itália. Brasília: EG-GCF, 2011.

HERRMANN, Eduardo. **O Brasil na 2ª Guerra Mundial**. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/brasil-segunda-guerra-mundial/>>. Acesso em 24 maio 2015.

MORAES, João Baptista Mascarenhas de. **Memórias**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, v. 1, 1984.

_____. **A FEB pelo seu comandante**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, Ed., 2005.

SANTOS JUNIOR, José Martiniano dos. **1942: Atentado ao Brasil**. 1. Ed. São Paulo: Baraúna, 2012.

SANTOS, Karine dos. **Os Bastidores das Batalhas: o cotidiano - os pracinhas brasileiros na segunda guerra mundial**. Disponível em: <http://www.historia.ufpr.br/monografias/2003/karine_santos.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2015.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **A FEB por um soldado**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed.; Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura – Exped Ltda., 2001.